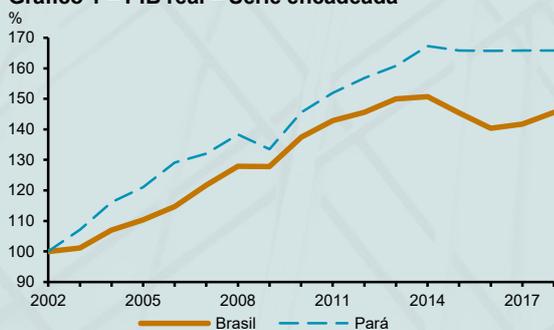


Economia Paraense: estrutura produtiva e desempenho recente

Gráfico 1 – PIB real – Série encadeada^{1/}



Fonte: IBGE; Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisa (Fapespa).
1/ Pará, estimativas 2016, 2017 e 2018. Brasil (2017 e 2018), Boletim Focus.

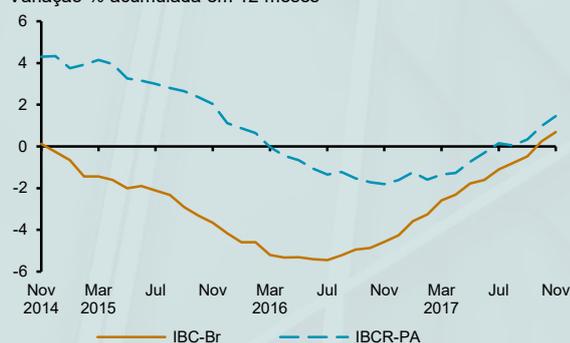
Este boxe apresenta a estrutura, a evolução recente e as perspectivas para a economia paraense no curto prazo.

A economia no estado evoluiu mais favoravelmente do que a nacional de acordo com os últimos dados disponíveis do Produto Interno Bruto. O crescimento atingiu 4,89% no biênio encerrado em 2015 (4,71 p.p. superior ao do país), e as estimativas para as variações em 2016, 2017 e 2018 são, respectivamente, de -2,28%, +1,62% e 3,0%, segundo a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa), evidenciando ciclo econômico na região, com intensidade e período de contração menores do que a verificada para a média do país (Gráfico 1).

Dados de maior frequência ratificam o ciclo econômico relativamente mais favorável da economia do Pará. Os índices de atividade, calculados pelo Banco Central, mostram retração da economia do estado apenas no período de abril de 2016 a junho de 2017, considerando o acumulado em doze meses, enquanto a retração no indicador nacional ocorreu de dezembro de 2014 a setembro de 2017 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central

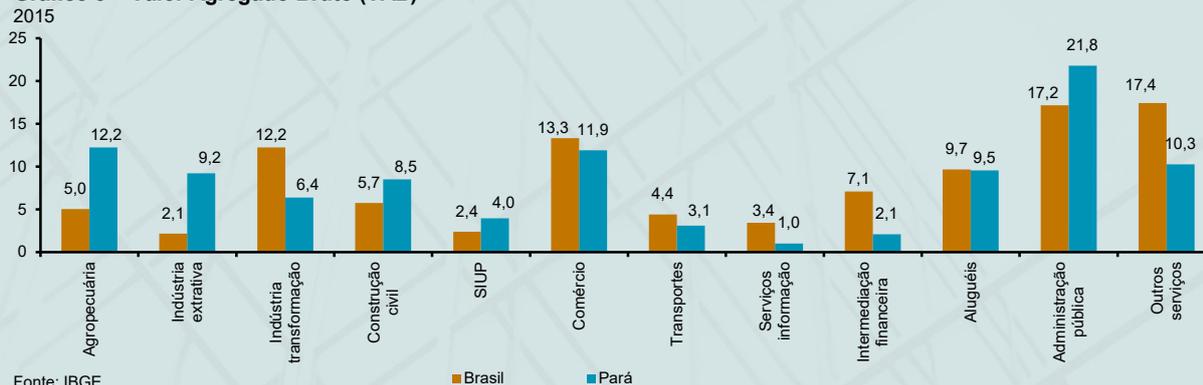
Variação % acumulada em 12 meses



O melhor desempenho recente da economia paraense pode ser explicado, em parte, pela estrutura produtiva, caracterizada pela relevância da destinação de produtos ao mercado externo e, ainda, pela participação importante de setores com baixa elasticidade renda. As exportações do estado corresponderam a 26,2% do PIB em 2015 (10,6% do PIB no país), mesmo com a redução do preço do minério de ferro ocorrida no ano. A recuperação desses preços tende a elevar a participação das exportações no PIB em 2016 e 2017, quando as vendas externas totais do estado cresceram 41,0%, em dólares, comparativamente a 2015.

Pelo lado da produção, a estrutura do Valor Agregado Bruto (VAB) da economia paraense, comparada à nacional, tem maior representatividade dos segmentos da administração pública, agropecuária e

Gráfico 3 – Valor Agregado Bruto (VAB)



indústria extrativa, segmentos com baixa elasticidade renda, segundo dados das Contas Regionais do IBGE de 2015 (Gráfico 3).

Tabela 1 – Valor da Transformação Industrial (VTI)

Principais produtos conforme VTI – 2015

Seções e atividades	%	
	Distrib. da ind. no PA	Represent. na indústria nacional
Indústria extrativa	64,8	13,4
Extração de minerais metálicos ^{1/}	64,4	39,3
Indústria de transformação	35,2	1,0
Metalurgia	12,5	6,2
Produtos alimentícios	9,9	1,4
Produtos minerais não-metálicos	3,6	2,6
Produtos de madeira	2,1	5,2
Produtos químicos	1,4	0,4
Bebidas	1,2	0,8
Manutenção de máquinas e equipamentos	1,2	1,7
Produtos de metal, exceto máq. e equipamentos	0,6	0,5
Couros e artefatos de couro	0,4	0,6
Outros	2,2	0,1

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual – Empresa

1/ Inclui atividades de apoio à extração de minerais

Na indústria, destaca-se a extração de minerais metálicos – responsável por 39,3% da produção nacional, em especial a produção de minério de ferro, alumínio (bauxita) e cobre. Ressalta-se que essa elevada representação do segmento refletiu, sobretudo, a expressiva expansão da demanda externa por minério de ferro a partir de 2010 (Tabela 1).

A indústria de transformação paraense também está voltada para o mercado externo ou a segmentos menos sensíveis ao ciclo econômico doméstico, com destaque para as atividades de metalurgia, produtos alimentícios, produtos minerais não-metálicos e produtos de madeira, que, em conjunto, representavam 79,9% da produção fabril em 2015.

Essa estrutura industrial contribuiu para o desempenho favorável da atividade industrial recente. A produção da indústria do Pará cresceu 9,3% em 2016 e 10,6% em 2017 (dados até novembro), comparativamente, às variações correspondentes de -6,4% e 2,2% na indústria nacional, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE.

Especialmente, o Pará é constituído por 144 municípios agregados em seis mesorregiões. A região metropolitana de Belém (RMB) e a região do Sudeste Paraense concentram a atividade econômica do estado, tendo respondido por 37,1% e 33,1% do PIB paraense em 2015 (Gráfico 4), respectivamente. Na RMB, a participação do setor de serviços (incluindo a administração pública) alcançou 74,9% no ano, seguindo-se a indústria, com 23,2%, e a agropecuária, com 1,9%. No Sudeste Paraense as

Gráfico 4 – Mesorregiões do Pará
PIB – 2015



	Distr. %	Var. nominal %	
			2015/2013
Metropolitana de Belém	37,1%		19,8
Sudeste Paraense	33,1%		-6,8
Nordeste Paraense	12,1%		9,5
Baixo Amazonas	7,9%		9,3
Sudoeste Paraense	6,8%		25,3
Marajó	2,9%		22,8
Pará	100,0%		8,0

Tabela 2 – Principais produtos agrícolas

Descrição	%	
	No valor da produção agrícola do estado	No valor da produção nacional do item
Total	100,0	2,3
Mandioca	24,5	18,7
Soja	20,0	1,5
Pimenta-do-reino	10,6	65,5
Cacau	10,0	39,4
Banana	8,5	8,1
Milho	6,0	1,2
Dendê	4,8	90,3
Abacaxi	4,7	15,2
Arroz	1,9	1,6
Laranja	1,9	1,8
Outros	7,2	0,4

Fonte: PAM 2016, IBGE

participações desses setores situaram-se em 42,6%, 45,1% e 12,3%, respectivamente, segundo dados das Contas Regionais do IBGE.

Considerando o período de 2013 a 2015, a região Sudoeste Paraense apresentou maior variação do PIB nominal, 25,3%, refletindo elevação no valor adicionado bruto sobretudo dos municípios de Vitória do Xingu (em especial no setor de construção civil) e Medicilândia (no setor agropecuário, com destaque para o cultivo de cacau que representou 40% da produção estadual, em 2015¹). Na região do Sudeste Paraense, o PIB recuou 6,8% no período, com redução da participação do setor industrial, em linha com a redução no valor das exportações de minério de ferro, decorrente da queda no preço.

Em termos demográficos, a população do Pará corresponde a 4,0% da nacional e a 47,2% da população do Norte, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE. A mesma pesquisa aponta que a população paraense é relativamente jovem, com 31,4% possuindo até 17 anos e 58,5% situando-se entre 18 e 59 anos. A escolaridade média no estado é inferior à média nacional. Assinale-se que dos habitantes com 14 anos ou mais, 25% têm ensino médio e 7,9% têm ensino superior.

No âmbito da atividade agrícola, as culturas de mandioca e de soja responderam por 24,5% e por 20% do valor da produção estadual em 2016, respectivamente (Tabela 4). Essas lavouras, juntamente com as de cacau, banana, pimenta-do-reino e milho responderam por 79,5% do valor da produção agrícola do estado no ano, ressaltando-se as participações das safras de dendê (90,3%), pimenta-do-reino (65,5%) e cacau (39,4%) no total do valor de produção desses produtos no país.

Considerando a evolução recente, a safra de mandioca em 2017 atingiu 4,2 milhões de toneladas, redução de 0,7% em relação ao ano anterior, de acordo com o LSPA. Ressalta-se a redução do volume produzido de mandioca no estado desde a safra de 2015, em função do baixo nível tecnológico do sistema de produção e da menor oferta de trabalhadores, deslocando a produção para outras culturas de maior rentabilidade. Em relação à produção de grãos – cereais, leguminosas e oleaginosas – houve crescimento de 25,3% em 2017, com elevações de

1/ Fonte: FAPESPA – Produto Interno Bruto Municipal 2015.

Tabela 3 – Produção agrícola – Pará
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}		Em mil toneladas	
		2016	2017	Variação %	
				PA	Brasil
Grãos ^{3/}	28,9	2169	2717	25,3	29,5
Soja	20,0	1 305	1 635	25,3	19,4
Milho	6,0	643	851	32,3	27,0
Arroz (em casca)	1,9	182	188	3,2	17,2
Feijão	1,1	24	28	14,6	38,2
Outras lavouras					
Mandioca	24,5	4 263	4 235	-0,7	-2,3
Cacau	10,0	86	117	35,8	0,2
Banana	8,5	505	522	3,3	6,2
Abacaxi	4,7	412	226	-45,2	-5,1

Fonte: IBGE

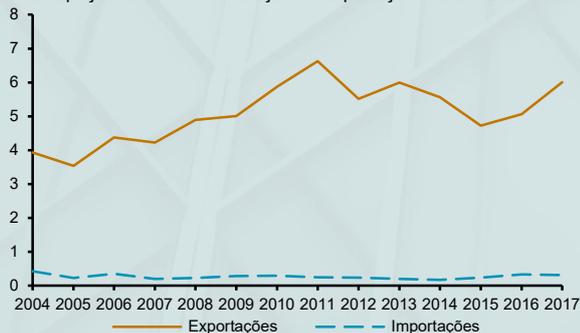
1/ Por valor da produção – PAM 2016.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2017.

3/ Produtos: algodão herbáceo, amendoim, arroz, feijão, milho, soja e sorgo.

Gráfico 5 – Comércio exterior

Participação % do PA em relação às exportações nacionais



Fonte: MDIC

32,3%, 25,3% e 14,6% nas lavouras de milho, soja e feijão, respectivamente (Tabela 3).

Em relação à pecuária, o Pará possui o maior rebanho de bubalinos do país, e um dos maiores de bovinos de corte, 37,9% e 9,4% do total nacional, respectivamente, segundo estatísticas da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) de 2016 do IBGE. Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF) variaram -3,0% em 2017, relativamente a 2016, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O comércio exterior do Pará é historicamente superavitário. Nos últimos anos, as exportações do estado elevaram-se acima da média nacional, implicando aumento da participação nas vendas externas do país para 6,6% em 2011 (ante de 3,8% em 2002) e oscilando pouco abaixo desse percentual a partir desse ano (Gráfico 5). Em especial, a partir de 2009, os principais destinos das exportações paraense foram a China, Japão, Alemanha e Estados Unidos da América (EUA), que adquiriram, sobretudo, produtos minerais e metalúrgicos. As importações do estado mantiveram-se em torno de 0,6% das importações nacionais nos últimos anos, totalizando US\$966 milhões em 2017. Os principais produtos importados, a partir de 2010, foram insumos para a produção mineral, como hidróxido de sódio e coque de petróleo calcinado, provenientes principalmente dos EUA.

No setor terciário, o comércio e os serviços mercantis não financeiros no estado foram significativamente afetados pelo ciclo recessivo doméstico recente. O comércio varejista ampliado paraense recuou em média 5,9% ao ano, de 2015 a 2017 (mês de novembro como referência, com dados acumulados em doze meses), enquanto a redução em âmbito nacional situou-se em 4,8%, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. O volume de serviços não financeiros prestados no Pará de 2016 a 2017 (mês de novembro como referência, com dados acumulados em doze meses) recuou 5,2% e 9,8%, retrações mais intensas às observadas em âmbito nacional, -5,0% e -5,6%, nos mesmos períodos.

O menor dinamismo desses segmentos se refletiu no mercado de trabalho. A taxa de desocupação média anual no Pará aumentou de 7,4% em 2012 para 11,2% em 2016. Mais recentemente, o desemprego atingiu 11,1%, no terceiro trimestre de 2017 (no primeiro trimestre do ano o indicador alcançou o maior

Gráfico 6 – Taxa de desocupação – Pará, Norte e Brasil**Tabela 4 – Quantidade de trabalhadores no regime CLT**
Dezembro de 2017

Setores	Em mil				
	PA	%	Brasil	%	Part. %
Total	726	100,0	38 299	100,0	1,9
Serviços	266	36,6	16 830	43,9	1,6
Comércio	202	27,8	9 077	23,7	2,2
Ind. de transformação	83	11,4	7 238	18,9	1,1
Construção civil	70	9,7	2 140	5,6	3,3
Agropecuária	53	7,3	1 571	4,1	3,4
Ind. extrativa mineral	20	2,7	188	0,5	10,4
Outros ^{1/}	33	4,5	1 256	3,3	2,6

Fonte: MTE/Caged

1/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outros.

Gráfico 7 – Criação de novos empregos formais

patamar desde o início da série em 2012, 13,8%), segundo a PNAD Contínua (Gráfico 6).

O total de trabalhadores no mercado formal do estado recuou de 772 mil, em dezembro de 2015, para 726 mil, em dezembro de 2017, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Previdência Social (Caged/MTb), correspondendo a 1,9% do registrado nacionalmente. Os setores de serviços, comércio e indústria de transformação responderam, respectivamente, por 36,6%, 27,8% e 11,4% do total de empregos formais no estado. Considerando a participação dos trabalhadores contratados no estado por setor de atividade, no total nacional, destacam-se os segmentos da indústria extrativa mineral, com 10,4%, da agropecuária, com 3,4%, e da construção civil, com 3,3% (Tabela 4). Para períodos de doze meses, o mercado de trabalho formal mostra retração do número de postos desde junho de 2015, aproximando-se do equilíbrio entre desligados e admitidos no final de 2017 (Gráfico 7). Os setores mais afetados na crise foram os segmentos de construção civil, comércio e indústria de transformação nessa ordem.

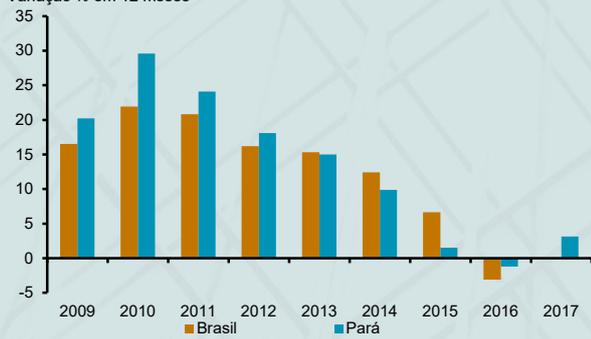
O rendimento médio real do trabalho no estado atingiu R\$1.445 no terceiro trimestre de 2017, patamar 32% inferior à média nacional, segundo a PNAD Contínua. O indicador recuou 4,6% em relação ao quarto trimestre de 2012 (primeiro ano da PNAD Contínua), quarta maior retração entre as unidades da federação (aumento de 3,9% no país). Por outro lado, em relação a dezembro de 2015, quando a série atingiu seu menor patamar (R\$1.371), o indicador apresentou alta de 5,4%, refletindo o comportamento benigno da inflação no período, sobretudo a relativa à alimentação com expressivo peso na cesta de consumo local.

O saldo dos empréstimos no Pará^{2/}, representou 1,4% do crédito nacional em dezembro de 2017. No período de doze meses encerrado em dezembro, o saldo aumentou 3,1% no estado (-0,1% no país), resultado de elevação de 5,6% no segmento de pessoas físicas e redução de 1,7% no segmento de pessoas jurídicas. Esses segmentos registraram participações respectivas de 67,6% e 32,4% no estoque de crédito paraense (Gráfico 8). Ressalte-se que os empréstimos para as empresas concentravam-se, em dezembro de 2017, nas atividades de

2/ Considerado o estoque das operações de empréstimos acima de R\$1 mil.

Gráfico 8 – Saldo das operações de crédito^{1/}

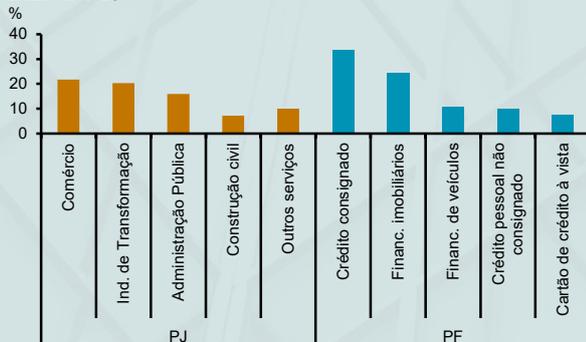
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.
* 12 meses encerrados em dezembro

Gráfico 9 – Participação das modalidades de crédito no seg. PF e setores de atividades no seg. PJ

Dezembro 2017



comércio, 21,8%, e indústria de transformação, 20,3%, e para as famílias, nas modalidades crédito consignado, 33,6%, e financiamentos imobiliários, 24,2% (Gráfico 9).

O dinamismo da economia paraense tende a permanecer dependente das flutuações do mercado internacional, sobretudo relativamente à evolução dos preços das *commodities*, à trajetória da demanda chinesa e à volatilidade da taxa de câmbio. Não obstante, as perspectivas dos setores de comércio, de serviços e da indústria de transformação apresentam sinais mais favoráveis para 2018, refletindo condições melhores do mercado de trabalho e de crédito, associada à gradativa recuperação da confiança dos agentes em ambiente de estabilidade de preços. As expectativas de desempenhos positivos da indústria extrativa e da agropecuária exibem perspectivas sobretudo em relação à produção de minério de ferro, soja e gado bovino, atividades que tendem a contribuir favoravelmente para a intensificação do ritmo de crescimento da atividade econômica local.